

## Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● Em Outubro de 2022, realizou-se nova conferência mundial em Paris, precedida de uma conferência internacional das mulheres trabalhadoras. Delegados de 43 países subscreveram um apelo que actualiza o Manifesto de Mumbai à luz da situação mundial (\*).

● Compõem o comité de acompanhamento militantes operários de todas as tendências:

**Camille Adoue** (França)  
**Innocent Assogba** (Benim)  
**Alan Benjamin** (EUA)  
**Colia Clark †** (EUA)  
**Adama Coulibaly** (Burkina Faso)  
**Constantin Cretan** (Roménia)  
**Berthony Dupont** (Haiti)  
**Daniel Gluckstein** (França)  
**Rubina Jamil** (Paquistão)  
**Christel Keiser** (França)  
**Apo Leung** (China)  
**Nnamdi Lumumba** (EUA)  
**Randy Miranda** (Filipinas)  
**Mandlenkosi Phangwa** (Azânia)  
**Liliana Plumeda** (México)  
**Milind Ranade** (Índia)  
**Klaus Schüller** (Alemanha)  
**Jung Sikhwa** (Coreia)  
**Mark Vassilev** (Rússia)  
**Nambiath Vasudevan** (Índia)

(\*) Afeganistão, Alemanha, Argélia, Azânia, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burkina Faso, Burundi, Canadá, Chile, China, Congo, Coreia, Egipto, Estado espanhol, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Itália, Marrocos, México, Palestina, Paquistão, Peru, Portugal, Roménia, Rússia, Senegal, Sri Lanka, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Zimbábue.

## Eventos públicos nos dias 24 e 25 de Fevereiro de 2023

### Não à “união sagrada” com os governos ao serviço da NATO!

No dia 24 de Fevereiro de 2023, fez um ano que começou a guerra na Ucrânia. Pela ocasião, o Comité Operário Internacional contra a Guerra e a Exploração, pela Internacional Operária, emitiu uma vez mais um apelo a levantar a bandeira da unidade internacional dos trabalhadores contra os governos fautores de guerra.

Este apelo foi escutado no âmago das principais potências imperialistas.

Nos Estados Unidos, trabalhadores e jovens militantes, assim como convidados do México e do Canadá, reuniram-se no dia 25 de Fevereiro na cidade universitária da UC Davis (Califórnia) para, seguindo o apelo da secção de Sacramento do *Labor Committee for Latin-American Advancement/AFL-CIO*, da frente *Labor and Community for an Independent Party (LCIP)* e da organização trotskista *Socialist Organizer*, criar a base de um movimento antiguerra. Em nome de *Socialist Organizer*, Alan Benjamin denunciou que “*não é de uma guerra pela democracia e pela autodeterminação dos povos, em particular do povo ucraniano, que se trata, mas de uma guerra pelo controle dos mercados.*” Daí, venceu, a necessidade de lutar “*contra o apoio de todos os que – e a direcção da AFL-CIO é um deles – apoiam a guerra de Biden*”. Vários intervenientes relacionaram a guerra “externa” do governo Biden com a que ele trava “internamente”: proibição do direito à greve a 120 mil ferroviários em Dezembro, ataques contra os sindicatos, etc. Numerosos oradores vincaram, assim, a importância de os sindicatos romperem com o Partido Democrático. Nnamdi Lumumba recordou, em nome da organização *Ujima Progress People’s Party*, o que Martin Luther King Jr. dizia: “*Paz não é não haver guerra: é haver justiça para todos.*”

Na Bélgica, no dia 26 de Fevereiro, decorreu, em Bruxelas, uma manifestação “pela paz”, ao apelo da Federação Geral de Trabalhadores da Bélgica

(FGTB), do Partido do Trabalho (PTB) e outros. Os militantes do *Comité unité-Eenheidcomité* salientaram, em panfleto que distribuíram: “*As tradições do movimento operário, do socialismo, da democracia são o contrário do apoio à política da NATO. Há, no governo, partidos que reclamam pertencer ao movimento operário, Esses partidos, o PS e o Vooruit (partido socialista neerlandófono – NdR) promovem uma política belicista de aumento dos orçamentos militares, contrária aos valores socialistas e às necessidades sociais (...). Que os ministros socialistas parem de colaborar com a NATO e abandonem o governo.*”

Em Portugal, no dia 25 de Fevereiro, houve, em Lisboa, um encontro de trabalhadores e militantes ao apelo da Plataforma contra a Guerra. Muitos deles haviam participado na grande marcha de dezenas de milhar de professores (a quinta em dois meses). Os oradores denunciaram a participação do governo “socialista” português na guerra e pronunciaram-se pela retirada das tropas de Putine e da NATO e pela retirada das tropas portuguesas da Europa de Leste.

Em Itália, respondendo ao apelo do Comité Operário Internacional, houve no dia 17 de Fevereiro, um encontro de trabalhadores e militantes, em Turim (alguns participaram por videoconferência da Sicília, de Aosta e da Lombardia), que decidiu participar nos eventos “pela paz” convocados para o dia 25 de Fevereiro em Itália.

**Na Grã-Bretanha**, cerca de 3 mil trabalhadores e jovens manifestaram-se no dia 25 de Fevereiro, em Londres, ao apelo da frente “Stop the War”, atrás de uma faixa que proclamava “Conversações de paz já, fim da guerra na Ucrânia, não à invasão russa, não à NATO, não ao nuclear”.

Trabalhadores e jovens, sindicalistas e militantes do *Labour Party* manifestaram-se apesar da extrema violência da campanha do chefe do Labour Party, Keir Starmer, contra quem quer que se oponha à sua política de união nacional com o governo conservador.

Poucas horas antes de a manifestação começar, a “esquerda” oficial do *Labour Party*, encabeçada pelo deputado John McDonnell, condenou a frente “Stop the War”, caindo para o lado da união sagrada com o governo e a NATO. “Pedimos ao governo (...) que dê à Ucrânia todo o equipamento militar britânico excedentário, designadamente os 79 tanques Challenger, os 170 veículos Scimitar, todos os veículos de combate de infantaria Warrior, os aviões de caça Typhoon, etc.”, reza uma carta assinada por McDonnell e uma dúzia de deputados do Labour e dirigentes sindicais nacionais.

Ante tal capitulação, Lindsey German declarou, no final da manifestação, em nome da frente “Stop the War”, que “há sempre dinheiro para as armas, mas nunca há para os hospitais!”, isto quando o governo rejeita aumentar as enfermeiras. “Quem ganha com esta guerra? A indústria do armamento, a NATO, o império americano... não os trabalhadores nem os pobres”, acrescentou Lindsay German. Andrew Murray acrescentou, também em nome da frente: “Há que pôr termo à guerra na Ucrânia antes que ela se

transforme em conflito nuclear, antes que alastre à China. Temos um governo determinado a entrar em guerra e uma oposição que o apoia. O movimento sindical não deve ir atrás de Starmer para a beira do precipício.”

**Em França**, o POID tomou parte em concentrações em várias cidades, desenvolvendo as suas posições: “O nosso próprio governo, o governo do cabo-de-guerra Macron, com a sua contra-reforma das aposentações, com a reforma do seguro de desemprego, com o bloqueamento dos salários e o estrangulamento dos serviços públicos, faz pagar aos trabalhadores a lei de programação militar recorde de 413 mil milhões de euros e todos os fornecimentos de armas que a NATO dele exige.

Enquanto, porém, nos juntamos contra esta guerra suja e contra todas as guerras imperialistas em África, no Médio Oriente, contra as ameaças de guerra contra a China... desenvolve-se, no nosso país, um potente movimento da classe trabalhadora pela retirada da reforma das aposentações.

Sustentamos que a melhor maneira de lutar contra a guerra e contra o nosso próprio governo fautor de guerra é ajudar a classe trabalhadora e a juventude a infligirem a este governo a derrota que ele merece: paralisando o país a partir do dia 7 de Março, obrigá-lo a retirar a reforma.

Ajudar a que isso aconteça passa por lutar, em todos os terrenos, por que todos os partidos e organizações que se reclamam dos trabalhadores rompam com Macron, rompam com o seu governo fautor de guerra e rompam com a NATO.

Poder-se-á, na verdade, dizer que se luta contra a reforma das aposentações de Macron quando se

aprova a sua política de guerra?

Poder-se-á calar que, pela quarta vez em um ano, no dia 16 de Fevereiro, a quase totalidade dos eurodeputados do Partido Socialista e da France insoumise votaram uma resolução, no Parlamento Europeu, que apela a fornecer armas à Ucrânia, armas, inclusive de aviação e mísseis ofensivos? Poder-se-á calar o voto favorável dos deputados do PS, do PCF e a abstenção da LFI em relação a uma moção do mesmo tipo apresentada à Assembleia Nacional a 30 de Novembro último? Os trabalhadores, que, em cada vez maior número, em manifestações e greves, muito bem dizem “que o dinheiro vá para as pensões, não para a guerra”... não mandataram os que falam em seu nome para apoiarem a política de guerra de Macron. A via da paz implica romper com os governos fautores de guerra”.

**No Estado espanhol**, o primeiro-ministro “socialista” Sanchez prometeu entregar seis a dez tanques Leopard à Ucrânia. Os ministros de Podemos, tal como os do Partido Comunista, continuam no governo.

Realizaram-se concentrações em várias cidades, por exemplo em Bilbao, no dia 23 de Fevereiro, convocadas pela frente “Não à guerra”, condenando “a agressão da Rússia e a política expansionista da NATO, assim como o militarismo de todos os governos europeus. Somos solidários do povo trabalhador ucraniano e das mulheres e homens que, na Rússia e na Europa, rejeitam a guerra. Recusamos o envio de armas para a Ucrânia, que mais não faz do que agravar o conflito e empurrar a Europa para a guerra.” ■

**Com os nossos correspondentes**